

UM MERGULHO NO REINO DAS SOMBRAS

Um Caso “Incurável” de Doença de Crohn

Vera Gondim

Clara veio me procurar aos 63 anos, com duas queixas principais: sua extrema sensibilidade desde criança - que se refletia num grave quadro alérgico generalizado - e seu problema intestinal, que começou 22 anos antes, quando havia retirado um tumor do intestino. Juntamente com o tumor, foram retirados 65 cm do intestino na região do íleo (porção final do intestino delgado, na junção com o intestino grosso e a válvula ileocecal). Após uma biópsia, recebeu o diagnóstico de ser portadora da Doença de Crohn, até então assintomática.

A Doença de Crohn é uma doença inflamatória crônica que pode ocorrer ao longo de todo o trato gastrointestinal e que acomete mais mulheres do que homens, principalmente entre 30 e 60 anos de idade.

Os sintomas de Clara começaram a aparecer após a perda de seu terceiro marido. Inicialmente passou a ter picos de pressão alta. Quando o médico prescreveu um anti-hipertensivo, passou a sofrer de diarreia crônica, atribuída ao remédio.

Clara não teve na infância o afeto que gostaria de ter recebido de seu pai.

- “Eu era uma criança muito tristonha e chorava muito. Meu pai se dizia um “cabra-macho” e nunca me deu um abraço e nem um pirulito. Não me dava carinho. Imagina eu, com toda essa sensibilidade, com um pai assim... A minha mãe era muito amorosa e parava tudo para me dar atenção. Mas ela não sabia dizer não e era capacho do meu pai.”

O medo e a insegurança sempre acompanharam Clara ao longo de sua história de vida:

- *"O medo sempre esteve presente comigo. Aos 3 anos de idade, meu pai me levava para furar onda, "para eu ser corajosa". Eu tinha pânico de água e passei a minha vida sem enfiar a cabeça dentro d'água por isso."*

- *"Eu acho que trouxe uma bagagem extremamente medrosa. Desde pequena o medo me tirava o chão. Eu devia ter uns 6 anos quando, estando num carro com alguém, vi a ladeira que iríamos descer e fiquei apavorada, com dor de barriga. Eu pedi muito para a pessoa não correr, porque eu não aguentava aquilo. Eu tive a mesma sensação na Disney, mais tarde, ao andar de montanha russa... Tenho pavor de tudo: de lagartixa, de aranha, de dormir no escuro, de andar de barco e de avião. E não ando no meio do mato de jeito nenhum ! Tenho pavor de que apareça uma cobra !! "*

- *"Você, na verdade, tem um medo muito grande daquilo que não pode controlar..."*, disse eu.

Era gritante na história de Clara a presença de inúmeras perdas repentinas sofridas ao longo de sua vida, o que explicava claramente seu medo imenso de não ter o controle das situações.

A primeira grande perda que Clara vivenciou foi a de sua mãe, que estava a caminho de sua casa (de Clara) para participar de uma festa de aniversário, quando teve um acidente vascular e faleceu repentinamente. Foi um *"grande choque e uma grande surpresa; uma coisa muito repentina"*, nas palavras de Clara.

Um ano depois, aconteceu a perda de seu primeiro marido, num acidente de carro provocado por um motorista alcoolizado. O marido tinha então 38 anos e ela 32.

- *"Foi outro grande choque, porque eu tinha filhos pequeninhos para criar"*.

Choque maior ainda foi ter encontrado na carteira do marido, depois de sua morte, retratos e bilhetes de uma amante, segredo que ela não compartilhou com ninguém.

Clara não vivenciou a perda e o luto pela morte de seu marido:

- *"Eu não queria viver nada daquilo e resolvi imaginar que ele tinha viajado e que ia voltar. Eu não vivi o luto e não chorei".*

A perda de seu pai também foi difícil, porque fez com que Clara se sentisse responsável por sua morte, já que ele morava em outra cidade e ela, com os filhos pequenos, não podia lhe dar a atenção que gostaria. Clara tinha mania de perfeição e tudo tinha que ficar perfeito, nos mínimos detalhes. Era difícil lidar com essa situação de não ter feito o melhor que podia por seu pai...

Podemos perceber que Clara vivenciava várias questões ligadas ao primeiro chakra: medos, inseguranças, perdas repentinas. Não é difícil prever que alguma desarmonia física pudesse estar sendo criada neste chakra. O intestino era o seu órgão de choque. Ao negar a perda do marido, criou conteúdos emocionais reprimidos, que foram relegados à Sombra, como nos ensinou o Mestre Jung. Não se permitiu também sentir raiva pela descoberta de uma relação extraconjugal mantida secretamente pelo marido.

O intestino é o grande órgão metabolizador do organismo. A história de Clara aponta diversas situações e emoções que não foram metabolizadas. Sua ligação com a mãe se dava pela via emocional, e com seu pai pela via intelectual, já que ele era um homem muito culto. Para a Psicomedicina, o intestino é um órgão que está ligado à figura materna. A porção do intestino retirada pela cirurgia sofrida por Clara, em termos funcionais, era responsável pela metabolização das gorduras que, dentro desta abordagem, representam as emoções. Com a cirurgia, Clara passou a ter fisicamente dificuldade para metabolizar as gorduras e, emocional e energeticamente, dificuldade para metabolizar as emoções.

O segundo marido de Clara era muito semelhante a seu pai, em termos de comportamento. Era um homem muito pouco afetuoso, machista e autoritário, de quem Clara se separou depois de vários confrontos. Ela não sabia colocar limites, a tudo se calava,

"engolindo" passivamente as situações, como sua mãe fazia. Mais emoções reprimidas...

Dois meses depois dessa separação, Clara foi levada para uma mesa de cirurgia para retirar um tumor e um pedaço expressivo do intestino. Começou aí sua jornada com os problemas intestinais.

O terceiro marido de Clara era definido por ela como "alma gêmea". Foi muito feliz com ele por alguns anos mas uma grave doença o levou. Mais uma perda... Depois desta perda é que começou a manifestar os sintomas do Crohn, até então assintomático, e a sofrer de diarreias diárias. Evacuava de forma líquida cerca de 10 vezes por dia. Não era capaz de fazer o bolo fecal.

O intestino de Clara atrapalhava passeios, viagens e sua vida no dia a dia. Vivia cheia de dietas e restrições alimentares, quase não ia a reuniões e festas e, se ia, tinha que levar sua própria comida. Embora constantemente afirmasse que lidava muito bem com isso, sempre chorava ao falar das limitações em que vivia com relação à alimentação.

- "Para mim, ir ao Rio com diarreia é um desafio ! Eu fico triste pela limitação... [chora...] Isso mexe comigo. Eu, que queria ir ao Canadá ver meus netos... É difícil eu não poder comer nada... No início eu fiquei revoltada. É muito difícil para mim não poder comer e ainda assim ter diarreia..."

Clara tornou-se uma pessoa solitária e muito carente de atenção, já que seus filhos moram longe. Um dos filhos mora no exterior e havia 6 anos que não o visitava porque tinha pavor da ideia de ter episódios de diarreia no avião.

Foi quando veio me procurar.

Uma característica em Clara logo me chamou a atenção: a frequência e a exacerbação emocional com que repetia sua história de sofrimento. Contava e recontava, ao longo das

sessões, todo o seu Calvário de perdas e de incômodos com a diarreia, sempre chorando de forma muito intensa, mesmo quando já tínhamos trabalhado emocionalmente aquelas questões. Muitas vezes, ela chegava às sessões contando situações que me soavam como familiares, dando a entender que a mesma situação havia se repetido. Mas logo então percebia que ela estava de novo vivenciando emocionalmente a mesma situação dolorosa do passado, que já me havia relatado diversas vezes... Comecei então a mostrar a ela o quanto recriava a energia de dor em sua vida. Aí estava revelado o seu apego...

Usei com ela, durante as sessões, várias técnicas terapêuticas que aprendi e desenvolvi ao longo dos anos como terapeuta, ajudando-a a atenuar a intensidade emocional com que lidava com os fatos de sua vida e sua tendência a recriar emocionalmente os problemas.

Certamente em função de sua grande carência afetiva, Clara era uma pessoa que falava muito e ouvia quase nada. Era muito difícil fazer com que conseguisse me ouvir nas sessões. Um dia, chegou contando que havia dado um problema em seus aparelhos eletrônicos e ela havia ficado incomunicável:

- *"No sábado eu fiquei sem telefone, sem secretária eletrônica, sem computador e sem celular. Eu fiquei sem comunicação. Logo eu, que sou falante, não podia me comunicar ??!! "*

Perguntei se conseguia perceber o que a vida estava querendo mostrar. Não conseguia. Na sessão anterior, havia trazido sua mágoa profunda com relação a uma filha, por ter ouvido dela um comentário feito a terceiros: *"A minha mãe não escuta mesmo !"* Mostrei a ela que a vida estava cortando a comunicação externa para que pudesse ouvir um pouco mais a interna... Perguntei se seria capaz de perceber, com todo esse potencial de sensibilidade que tinha, o quanto poderia aumentar ainda mais sua capacidade intuitiva se conseguisse se calar um pouco...

Procurando sintonizá-la um pouco mais com seu interior, resolvi adotar com Clara a técnica que uso para regressão e fazer com ela uma "viagem" ao seu intestino, usando uma "lanterna virtual", para que percebesse o que acontecia dentro de si. "Entramos" pela extremidade do tubo digestivo e, uma vez no intestino, ela foi descrevendo o caminho:

- *"É como se fosse uma cortina flutuante de algas. Está escuro. É uma caminhada difícil, dificultada por essas coisas que parecem algas. Essas coisas não eram para estar ali. São coisas moles, flexíveis. [Digo a ela que é muito interessante estar encontrando na "Sombra" a flexibilidade de que tanto precisa em sua vida.] Parece que estou numa selva sem trilhas. Estou abrindo caminho com um facão e limpando e dissolvendo tudo isso com um jato d'água. Agora não está mais tão escuro mas ainda estou na penumbra. [...] Acho que por hoje já está bom. Estou indo no caminho de volta para a saída. Você sente que nada é normal aqui. Tudo é imperfeito e feio, essa coisa mole é flexível e feia. [Curioso você encontrar essa imperfeição toda na "Sombra", não acha ?, comentei]. A volta está bem mais fácil porque já tem mais espaço para passar. Muita coisa se soltou e ficou um caminho melhor para sair. "* E terminamos o trabalho.

Com esse tipo de trabalho, eu queria que Clara percebesse, não apenas a extensão e o progresso do que vínhamos fazendo com as essências e as consultas, mas também que silenciasse "fora" para se perceber "dentro". Além disso, teria uma oportunidade de perceber de perto, de uma forma mais concreta, tudo aquilo que havia relegado à "Sombra", criando sua doença. Eu sabia que este trabalho energético que estávamos fazendo reverberaria, com toda certeza, em seu físico.

Numa segunda vez, Clara entrou pelo mesmo lugar e foi relatando:

- *"Eu já consigo enxergar melhor na penumbra dessa vez. As algas que vi na vez passada eram como se fossem uma floresta*

fechada, densa, que eu tinha que abrir com um facão. As algas continuam presentes mas já me deixam passar. Eu sinto que elas podem ficar mais claras. [...] Estou agora vendo-as mais claras, bem mais claras do que estavam. Ficou mais fácil caminhar por aqui porque você me mostrou o desenho do intestino outro dia. [...] Agora estou vendo que a penumbra está ficando mais clara dentro do túnel. É o mesmo túnel de outro dia, mas agora eu já subi um pouquinho. Não tem alga nos cantos mas não está limpo. [Sugeri que pegasse uma "vassoura mágica" e, com todo amor e carinho, varresse tudo o que via acumulado nos cantos, agradecendo a essas energias a serventia que tiveram para ela até aquele dia e dizendo que estariam liberadas para seguir seu caminho. Sugeri que agradecesse com muita gratidão e que varresse tudo o que encontrasse.] Engraçado, eu estava mentalizando mesmo uma vassoura mágica, como se fosse uma varinha de condão que ia tocando as coisas e fazendo sair uma luz que ia transmutando tudo. E as coisas vão sumindo... Muito engraçado... Observei que estou com uma tendência a limpar só o lado direito. ["Observe se tem sujeira do lado esquerdo", perguntei.] Não, não tem. Eu nem tinha observado que a sujeira é só do lado direito.... ["Você retirou um pedaço do lado direito do intestino. E este é o lado que expressa a sua grande dificuldade de lidar com o mundo, que representa seu lado yang, masculino. Sua grande dificuldade é se colocar, agir no mundo, se posicionar, confrontar, por isso a sujeira está aí. É o seu lado "Sombra". Você não tem problemas para expressar a sua sensibilidade, por isso o lado esquerdo está limpo...", retruquei.] "

Numa terceira "viagem", ela relatou:

- "Estou vendo que está muito mais fácil pra passar. Não está mais cheio de algas. Na primeira vez era como se fosse uma mata fechada, densa. Eu tenho a sensação de que hoje está um caminho bem mais limpo para se passar. Eu ainda vejo várias coisas grudadas no lado direito do meu intestino, exatamente no lado de que tirei um pedaço. Mas aqui no meio estou passando

fácil. [Perguntei de que forma gostaria de limpar essas coisas grudadas nas paredes.] Com uma bucha áspera. [...]. Está saindo tudo. Ficou limpinho. [O que você vai querer colocar no lugar ? perguntei] Uma luz rosa. A sensação que estou tendo é a de que eu me esforcei muito para limpar e agora, depois de me esforçar muito, relaxei. [...]. Agora sinto que o movimento de limpar fez com que meus braços ficassem pesados, como se eles tivessem feito muito esforço. Mas, engraçado, só limpei com o braço direito e os dois ficaram cansados... [...]. Eu sinto agora como se houvesse uma agulha costurando e juntando as duas partes do meu intestino. ["Isso representa a separação que foi feita no seu intestino durante a cirurgia, para retirada dos 65 cm. As duas partes estão agora sendo reintegradas energeticamente com esse trabalho; retirando a coisa grudada você as reintegrou", coloquei. Ela continuou a jornada.] O lado esquerdo não tem mais nada a limpar. Está tudo aberto e desimpedido. Eu não tinha noção do tamanho do intestino... Ainda não cheguei nem na metade... Estou sentindo que por hoje está encerrado."

Ao retornar dessa terceira "viagem", comentou:

- "Que coisa interessante... Sumiu completamente a sensação de cansaço nos braços, que era nítida quando eu estava lá dentro... Da outra vez era uma mata fechada que eu tive que ir abrindo com um facão. Dessa vez estava tudo limpo e desimpedido..."

Um mês depois desse trabalho, Clara chegou à consulta toda contente e me fez o seguinte relato :

- "Quero hoje relatar a você que, exatamente no quinto dia depois de fazermos aquele trabalho, eu percebi uma melhora muito grande no meu intestino, que se mantém até hoje. Eu fiquei esperando um mês para contar isso a você para ver se iria se manter. Eu fiquei seis anos escrava do banheiro. Eu ia ao banheiro umas dez vezes por dia. Depois da dieta ayurvédica, passei a ir umas seis vezes. Depois desse trabalho, eu vou de uma a duas vezes por dia. Nem vou mais de madrugada ! Eu sofri

durante seis anos, sempre buscando uma solução, e ficava triste por ter tanta limitação. Quando comecei a colher o resultado da mudança com esse tratamento, há cerca de um mês, me espantou a naturalidade com que a recebi. Porque meu Espírito já sabia. Eu quis dar a você um retorno porque tem um mês que fizemos esse trabalho e um ano que fazemos a terapia. A melhora tem sido progressiva. Nesse último mês, tive umas duas ou três situações por semana que, em outros tempos, mexeriam assustadoramente comigo mas agora, mesmo sofrendo, percebo uma maneira diferente em minha atitude ao me posicionar. E essas situações não conseguiram mexer com meu intestino ! Outro dia comi de tudo numa festa e fiquei bem. Estou descobrindo que o meu problema de intestino tem muito mais a ver com as minhas emoções do que com o que eu como ! Antigamente eu comia em prato de sobremesa porque tinha pânico de comer. Agora como de tudo, em prato grande e sem medo !"

- "Esse ano está sendo um ano ímpar pelo fato de o meu organismo me ter dito "basta de tudo isso", o que me fez vir aqui te procurar. Sábado me deu vontade de sair, comer fora, ver gente. Fui a um restaurante italiano e pedi um dedo de vinho, coisa que não fiz em seis anos. Eu bebi vinho, dois dedinhos, entremeando com água. Bebi o vinho do meu jeito, e não passei mal. Quando você me disse que eu tenho apego aos padrões antigos, você foi fundo. É isso. Você matou a charada. E eu já estou fazendo pequenas concessões..."

- "Em breve estarei dando um passo que nunca imaginei voltar a dar nessa vida: mês que vem estarei viajando para ver meus filhos e netos no Canadá e queria partilhar isso com você. Hoje me sinto capaz de fazer uma viagem para mais longe. O que me prendia aqui eram minhas idas ao banheiro".

O trabalho terapêutico com Clara prossegue até hoje, e algumas outras "viagens" têm sido feitas para completar o processo de "limpeza" dos padrões mentais, emocionais e energéticos que levaram Clara a contrair essa doença "incurável".

Incurável ?

ALGUNS PONTOS RELEVANTES NO TRABALHO REALIZADO COM CLARA:

Ao longo do processo terapêutico de Clara, foram usadas diversas essências florais, minerais, ambientais e marinhas de vários sistemas, em função das necessidades que se iam apresentando. Menciono aqui apenas alguns pontos importantes do trabalho e algumas das essências que deram suporte nas questões mais relevantes.

Foi necessário equilibrar e proteger o excesso de sensibilidade de Clara, que a levava a respostas emocionais muito intensas e que era responsável por muitas de suas manifestações alérgicas, decorrentes da facilidade com que absorvia a energia das outras pessoas e dos ambientes que frequentava. A Fringed Violet (Bush Australiano) fez um belo trabalho com essas questões e auxiliou também na superação das situações traumáticas (perdas, choques, decepções, etc) que ocorreram em sua vida. A Angelsword foi utilizada em associação com a Fringed Violet (ambas do Bush Australiano) visando à sua proteção. A Canyon Dudleya (FES) trabalhou a questão da exacerbação emocional e a dramaticidade característica da personalidade de Clara, juntamente com a Flor da Emoção (Florais do Nordeste), que promove o equilíbrio emocional. As essências ambientais Razão e Sensibilidade (Sistema do Nordeste) foram usadas para ajudar a estabelecer um equilíbrio entre a razão e a emoção.

Para trabalhar a necessidade de estar sempre na defensiva, característica desenvolvida por Clara em função das muitas perdas sofridas, pude contar com o auxílio da Pink Mulla Mulla (Bush Australiano).

Para trabalhar a extrema carência afetiva, que fez com que Clara desenvolvesse o hábito de falar exaustivamente, usei Chicory e

Heather (ambas de Bach). A Calendula (FES) ajudou a abrir a escuta interna e a ensinar a ouvir o outro, reduzindo a tagarelice.

A Dog Rose of the Wild Forces (Bush Australiano) atuou na necessidade de querer estar sempre no controle das situações (pelas perdas sofridas inesperadamente) e a Filaree (FES) trabalhou a mania de perfeição e a preocupação com os mínimos detalhes.

A Bauhinia (Bush Australiano) ajudou em mais de uma vertente: promoveu uma abertura de Clara a novas possibilidades e novas experiências, ensinando-a a flexibilizar, e trabalhou o medo de mudanças, que provavelmente teve origem nas perdas sofridas. Vale observar que, durante as "viagens" que fizemos, apareceu a imagem de algas flexíveis, indicando que a flexibilidade de Clara estaria relegada à "Sombra". Curiosamente, no âmbito físico-energético, essa essência tem um efeito na válvula ileocecal, que fica localizada exatamente no ponto do intestino de onde foi removido um pedaço. Para reintegrar energeticamente as partes do intestino de Clara, em função da cirurgia sofrida, usei a essência Rhodolite Garnet (Alaska), com o objetivo de reconstruir a teia etérica desse órgão.

A imagem da essência Sea Lettuce (Pacífico) "apareceu" para mim de forma muito intensa durante a "viagem" ao intestino de Clara. Enquanto ela ia me descrevendo o cenário de um intestino repleto de algas penduradas pelo caminho, a imagem desta Alface do Mar saltou diante dos meus olhos. Enquanto essência floral, a Alface do Mar (Sea Lettuce) trabalha exatamente conteúdos reprimidos na "Sombra". Ela nos ajuda a encarar nossos "cantos escuros" e a abraçar e reintegrar nossa "Sombra", dentro da acepção de Jung. Essa essência "caiu como uma luva" no tema trabalhado...

Algumas essências foram primordiais para trabalhar o padrão de intestino solto e a necessidade de desapegar das situações e dos padrões que Clara insistia em recriar (Bottlebrush + Kapok Bush

do Bush Australiano e Rock Rose de Bach). A essência Foeniculum (Florais de Minas) foi usada para ajudar a metabolizar ideias, sentimentos e impressões, ativando também a fisiologia do sistema orgânico labiríntico do intestino. A Fórmula do 1º. Chakra (Solaris) foi escolhida para dar um suporte mineral ao trabalho que vinha sendo realizado neste chakra.

Grass Widow (Pacífico) auxiliou na mudança de padrão das crenças mentais de Clara.

Mimulus, Rock Rose (Bach)/Dog Rose/Grey Spider Flower (Bush Australiano) fizeram um relevante trabalho com os medos e pânicos de Clara, inclusive com o medo de ter novos episódios de diarreia. A essência Emília (Florais de Minas) ajudou a desenvolver firmeza e convicção interna diante de uma tendência de estar sempre pedindo conselhos e opiniões às outras pessoas.

Clara demonstrava ter muita culpa, o que ficava muito aparente em sua atitude de estar sempre dando a todos, e por qualquer motivo, milhares de explicações, como se estivesse sempre devendo justificativas às pessoas. Na realidade, com essa atitude ela manifestava estar se imputando muita culpa por não ter conseguido dar a seu pai a assistência que gostaria, no final de sua vida. A Sturt Desert Rose (Bush Australiano) e a Rosa da Manhã (Florais do Nordeste) foram importantes nesse processo.

Clara continua em terapia, fazendo muitos progressos e aprofundando cada vez mais seu processo interior. Já fez algumas viagens ao exterior sem qualquer dissabor com relação ao seu intestino. Leva hoje uma vida normal. Agradeço muito a ela a preciosa oportunidade que me proporciona até hoje de poder acompanhá-la em seu crescimento interior, ajudando-a a transformar suas "Sombras" em Luz ! A ela, toda a minha gratidão pela permissão de compartilhar sua história com todos vocês e pela confiança de dividir comigo sua linda história de vida e evolução !

VERA GONDIM é Terapeuta Floral, Practitioner e Professora credenciada pela Australian Bush Flower Essences e pela Flower Essence Society; Pós-graduada em Terapia Floral pela UERJ/IBEHE, Professora do Curso de Pós Graduação em Terapia Floral da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professora do Curso de Pós-Graduação em Naturopatia do Instituto Roberto Costa/Universidade de Curitiba e Professora do Curso de Formação de Terapeutas Florais da RIOFLOR (Associação de Terapeutas Florais do Rio de Janeiro).